



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos do Descobrimento do Brasil – 440 anos da União das Coroas Ibéricas – 270 anos do Tratado de Madri – 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II – 150 anos do final da Guerra do Paraguai – 90 anos da Revolução de 1930 – 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020

Agosto

Nº 353

MARECHAL EMÍLIO LUÍS MALLET

Patrono da Arma de Artilharia

“Barão de Itapeví”

NYLSON REIS BOITEUX – Coronel Reformado do Exército. Diplomado pela Escola de Comando e Estado Maior do Exército (mgracalb@hotmail.com)

E **MÍLIO LUÍS MALLET**, nasceu a 10 de junho de 1801 em Dunquerque, na França, no início do século XIX. Em 1818, com apenas 17 anos de idade, na companhia de seus pais e família desembarcou no Brasil. Mais tarde (em 13 de novembro de 1822), Mallet iria merecer do Imperador D. Pedro I o convite para alistar-se no Exército Brasileiro que se encontrava em processo de organização após a recém proclamada Independência. O Monarca o conhecia pessoalmente e sabia da sua vocação para a carreira das armas. Mallet assentou praça como 1º Cadete, “ficando dispensado das provas e habilitações do estilo”, conforme consta na sua fé de ofício na Brigada de Artilharia a Cavalos da Corte, por sua nobre ascendência. Coursou, em seguida, a Academia Militar do Império onde seguiu o curso de Artilharia. Saiu promovido como 2º Tenente. Na Brigada jurou a Constituição do Império, adquirindo a nacionalidade brasileira. Em 17 de fevereiro de 1825 foi promovido ao posto de 1º Tenente. No Comando da 1ª Bateria do 1º Corpo de Artilharia Montada, seguiu para o Sul a fim de participar na Campanha da Cisplatina, por ordem expressa do Imperador D. Pedro I. Na Batalha do Passo do Rosário (20 de fevereiro de 1827) recebeu o seu batismo de fogo e teve a oportunidade de assumir simultaneamente o comando das 04 Baterias, pois os respectivos comandantes haviam sido feridos na Batalha. Sua atuação enérgica e valorosa mereceu de seus Chefes brilhantes elogios. O seu Comandante-em-chefe, Tenente-General Marquês de Barbacena, o promoveu a Capitão no Campo de Batalha, sendo elogiado pela bravura, calma e sangue frio. Esse

ato que foi ratificado pelo Decreto Imperial de 12 de outubro de 1827 e Mallet foi condecorado com a Medalha de Ouro. Após a Campanha Cisplatina, ele casou-se com a Senhorita Joaquina Castorina de Medeiros deixando uma prole muito conhecida e respeitada, tendo alguns dos seus descendentes ocupado cargos importantes na administração do Brasil. Em junho de 1829 assumiu o Comando da 1ª Bateria de seu Regimento, aquartelado na Corte. A inesperada crise política de 7 de abril de 1831 advinda da abdicação de D. Pedro veio modificar o curso de sua vida de soldado. O Coronel João Carlos Pardal, Comandante do Corpo de Artilharia da Corte e amigo de infância do Imperador, se manteve leal ao Monarca e não conduziu sua tropa amotinada ao Campo de Santana, passando o Comando ao seu imediato. O Capitão Mallet, amigo leal do soberano, permaneceu no quartel de São Cristóvão solidário ao seu Comandante. Uma Lei votada pela Assembleia Geral em 24 de novembro de 1830, estabelecendo que somente os brasileiros natos poderiam pertencer aos quadros de Oficiais das Forças Armadas. Como consequência, Mallet foi demitido do Exército por Decreto de 29 de abril de 1831. Em 20 de setembro 1851, Mallet foi readmitido no quadro efetivo como Capitão, devido ter sido anulada a má interpretação do Decreto que o demitiu. Em 2 de dezembro de 1855 foi promovido a Major e comissionado, no Exército Imperial durante a Revolução Farroupilha. Graduado Tenente Coronel em novembro de 1863 foi classificado no 1º Regimento de Artilharia a Cavalos que se cobriria de glórias na Guerra do Paraguai. Durante as jornadas militares nas campinas Uruguaias, cobertas de geadas e de banhados atoladiços, para sua penosa travessia, obrigaram Mallet a servir-se da tração bovina. Os condutores da Artilharia de Campanha, nesse tempo, usavam compridas e pesadas perneiras de couro com guarnições metálicas, que lhes faziam o passo lento e lembrava o boi de tração dos canhões. Daí estender-se aos artilheiros do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos a denominação – **Boi de Botas**, apelido que se generalizou em toda a Artilharia. Refazendo sua carreira militar de estudos e de sacrifícios, prossegue nas ações do Exército Brasileiro em solo uruguaio, participando dos combates de Paissandu onde a Artilharia bombardeou intensamente essa resistência inimiga com 4.000 projeteis de seus 35 canhões, que durou 52 horas ininterruptas, sendo considerado o fator decisivo no assalto que decidiu a rendição da Praça de Paissandu. O cerco e a capitulação de Montevideú foi outra grande missão que coube a sua brilhante unidade. Este feito foi conseguido, sem combate, a 20 de fevereiro, segundo seus planos de reconhecimento por terra e pelo rio, das fortificações existentes em torno da cidade. Tempos depois, o Regimento de Mallet na Guerra do Paraguai, atravessou o Rio Paraná e desembarcou em território inimigo a 16 de abril de 1866 a frente de oito bocas de fogo de seu Regimento e já tomando parte nos combates contra forças inimigas e em outras ações subsequentes. Na primeira batalha de Tuiuti, Mallet se agigantou com a sua indômita energia e por suas admiráveis qualidades de artilheiro de escól. No dia 23 de maio de 1866 vigilante e ativo determinou que a sua tropa cavasse em toda a extensão das baterias um largo e profundo fosso a frente dos canhões. Essa providencial e acertada medida viria salvar do desastre a Ala direita dos Exércitos aliados, quando, em 24 de maio (um dia após a 1ª batalha de Tuiuti), a cavalaria paraguaia se lançou sobre os acampamentos Aliados nas furiosas cargas que caracterizaram a maior Batalha Campal da História Militar Sul-Americana. Diante do obstáculo criado pelo fosso, vacilam os paraguaios e acabam sendo varridos pela

"Artilharia Revólver", tamanha era a presteza, a pontaria e a rapidez com que os Artilheiros executavam suas missões. Desta forma, se não fosse a Artilharia, a Divisão de Sampaio e o legendário Osório não teriam tempo para recompor as suas tropas e ganharem a Batalha de Tuiuti. O profundo fosso construído por Mallet, para proteger suas peças, foi o sepulcro de pelo menos, oito ondas de assaltantes daqueles adestrados e ferozes esquadrões paraguaios. Galardoando tal resultado, foi Mallet promovido a Coronel por Ato de Bravura e nomeado Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro do Sul. Combateu, ainda, em Estabelecimento, Tuiu-Cuê, Espinilio, Humaítá, Angustura, Pequicirí, Lomas Valentinas, e outras mais, onde se caracterizou pela bravura, eficiência e pela técnica de tiro de suas peças, sendo promovido a Brigadeiro em julho de 1869. Ainda em vida foi agraciado com o título **"Barão de Itapeví"** em 28 de dezembro de 1878 e a **Marechal de Campo** em janeiro de 1879. Por todas essas razões, o Exército Brasileiro merecidamente o sagrou Mallet como o Patrono da Poderosa Artilharia e o Decreto número 51.429, de 13 de março de 1962, homologou essa gloriosa escolha. Em 02 de Janeiro de 1886, falece no Rio de Janeiro. Todas as honras a **MALLET**, o Patrono dos Artilheiros do Brasil!

Bibliografia:

- OS PATRONOS DAS FORÇAS ARMADAS - DR. OLYNTHO PILLAR – Gen Div R/1 – Biblioteca do Exército – Editora – RJ – 1966.
- HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL – II VOLUME – PEDRO CORDOLINO F DE AZEVEDO – GEN. PROFESSOR – IMPRENSA NACIONAL – 1.952.
- REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI - DIONISIO CERQUEIRA – BIBLIOTECA DO EXERCITO – RJ- RJ. 1865-1870.
- DICIONÁRIO DAS BATALHAS BRASILEIRAS – HERNANI DONATO – 2001.
- EPISÓDIOS MILITARES – GEN JOAQUIM S. DE AZEVEDO PIMENTEL – 1978.
- Arquivo e Biblioteca do Autor.



Decadência do Ocidente e retirada estratégica

(Publicado no nº 16, de Fev 2020, do Informativo Solidariedade Íbero-Americana – extrato)

LUÍS NAVA LARA

O autor é membro do conselho editorial da Capax Dei Editora e correspondente da Resenha Estratégica na Cidade do México

Em 1942, a Alemanha já havia perdido a II Guerra Mundial.

Isto é o que o historiador inglês Basil H. Liddell Hart diz, nas memórias do marechal Erwin Rommel, editadas por ele. A carta de Rommel à sua esposa, de 15 de junho de 1944, reproduzida nesse livro, diz:

"Ontem, eu estava na vanguarda. A situação não melhora. Devemos preparar-nos para acontecimentos sérios. As tropas, tanto da SS como do Exército, se batem com grande coragem, mas o equilíbrio de forças se inclina cada vez mais a favor do inimigo. Nossa aviação tem um papel muito modesto na zona de combate. Estou bem. Tenho que manter a minha cabeça erguida, mesmo quando devemos abandonar muitas esperanças. Em breve, enfrentaremos decisões sérias que te recordarão a nossa conversa de novembro de 1942".

A referência feita por Rommel remetia a uma conversa mantida por ele com a esposa, após uma reunião com o *Führer* Adolf Hitler e o comandante da Força Aérea, Hermann Göring, em seguida à derrota alemã na Batalha de El Alamein (outubro-novembro de 1942, no Egito). Na ocasião, ele lhe disse que a guerra estava perdida e que deveria ser tentado o mais rápido possível se chegar a uma paz de compromisso (seg. Mariscal Rommel, *Memórias: Los anos de derrota*, Editora Latino Americana, México, 1957).

Essa paz de compromisso seria tentada mais tarde, em 1943, quando a Frente Oriental também acabava de inclinar-se em favor do Exército soviético. E agora, após a II Guerra Mundial, essa paz de compromisso volta a se manifestar.

Entre 22 de junho, início da invasão alemã, e 15 de julho de 1941, o Exército Vermelho foi esmagado. Lutou com heroísmo, quando lutou ou teve que lutar, mas não conseguiu deter a maquinaria militar alemã, a Wehrmacht.

Em 16 de julho, a situação começou a mudar. Naquele dia, as tropas alemãs chegaram à cidade de Smolensk, a 400 quilômetros de Moscou. Ali, o Exército Vermelho estava determinado a deter a *Blitzkrieg* alemã - e quase conseguiu. Uma luta feroz se travou e, mesmo quando a cidade caiu, os combates prosseguiram até meados de agosto, nas linhas a leste de Smolensk. O avanço alemão não parou, mas os alemães se perguntavam por que os russos não entendiam que haviam sido derrotados.

A decisão de Hitler, de desviar o avanço para Moscou e reforçar os ataques rumo a Leningrado e Kiev, proporcionou um respiro aos soviéticos, mas a *Blitzkrieg* não existia mais; a até então invencível máquina militar alemã se esgotava na vastidão do solo russo e diante da bravura dos soldados soviéticos. Então, quando o ataque a Moscou foi reiniciado, em novembro (outubro foi literalmente perdido por causa das chuvas), ficou claro que o impulso alemão havia sido contido.

A Batalha de Moscou não foi o que o Alto Comando alemão esperava. O Exército soviético não se mostrava mais desorganizado: os combatentes que enfrentavam a máquina de guerra alemã diante da capital não eram mais os soldados bisonhos de junho, mas os siberianos. E siberiano não é um termo racial ou regional, mas refere-se aos soldados soviéticos que derrotaram o Japão, naquela guerra desconhecida que a Rússia e o Japão travaram no Extremo Oriente, na fronteira entre a URSS, Mongólia e Manchúria, entre maio e setembro de 1939 (Batalhas de Khalkhin Gol - n.e.), que terminou com uma decisiva vitória soviética.

Em 6 de dezembro, os alemães sofreram uma derrota esmagadora e tiveram que fugir; não foi uma mera retirada, deixando para trás uma grande quantidade de equipamentos e materiais e milhares de mortos. A guerra já estava perdida para a Alemanha, embora ainda faltasse derrotá-la.

A indústria, que havia sido transferida às pressas para o outro lado dos Urais, estava começando a funcionar, graças ao patriotismo dos soviéticos que não estavam na frente. Os alemães já haviam enfrentado os capazes tanques russos e os temiam, e, agora, os enfrentavam em formações bem organizadas e concentradas.

A União Soviética estava sozinha contra um poderio difícil de imaginar: veículos fabricados na França, Alemanha e Tchecoslováquia; tanques britânicos, franceses e checos capturados; as maiores e mais produtivas áreas industriais do mundo, o Ruhr, o Reno, as regiões fronteiriças da Itália e da França e a peça principal, a Silésia, metade polonesa e metade checa; mão-de-obra escrava para fazer e desfazer; a Finlândia, à qual não faltavam motivos de ressentimento contra a URSS, juntara-se à Alemanha no avanço contra Leningrado; e contava com soldados não apenas nacionais, mas também dos países ocupados. A vitória não só parecia possível, mas fácil.

No entanto, os alemães não contavam com duas coisas. Primeiro, o patriotismo soviético não estava nos seus cálculos. Segundo, lhes faltava gasolina. Claro, a vastidão do território soviético jogou contra eles, mas também contra os soviéticos, bem como o clima; afinal, 45 graus abaixo de zero é temperatura mortal para qualquer homem, só que os soviéticos estavam vestidos adequadamente para o inverno e suas armas e equipamentos foram fabricados para o clima da URSS. As imagens de propaganda dos soldados soviéticos atacando em esquis ou a cavalo nas paisagens de inverno dizem muito sobre isso. As imagens de soldados atacando a cavalo e sabres na mão, no meio do inverno, foram uma das muitas maneiras de animar o moral da população soviética. Na realidade, os cavalos não passavam de meios de transporte e eram mantidos em segurança, longe da frente de batalha.

Na Polônia, a cavalaria polonesa se atreveu a enfrentar os tanques alemães e foi completamente destruída. Após a fuga de Moscou, o Exército alemão se retirou para uma distância entre 200 e 300 km de Moscou. Leningrado estava sitiada e Kiev caíra. Ou seja, grosso modo, a frente se estabilizou em uma linha que ia de Leningrado (hoje São Petersburgo) até Rostov, no Mar Negro.

A Wehrmacht precisava resolver o problema do combustível. Até aquele momento, as reservas haviam sido suficientes para a invasão, mas, agora, a sua escassez começava a ser sentida. A decisão foi tomar os campos de petróleo de Baku, no Cáucaso. Mas, para isto, seria preciso conter o Exército Vermelho. A decisão foi capturar Stalingrado. A Alemanha não tinha petróleo. Nos países que ocupou, as reservas de combustível destes países foram prontamente capturadas. Conseguiram algo, anexando a Áustria, um pouco mais com a invasão da Polônia; finalmente, logrou acesso ao petróleo da Romênia, com a ressalva de que os campos produtores estavam a pouca distância da Península da Crimeia, de onde, quase desde o início da invasão alemã, partiam ataques aéreos contra eles.

Os ataques a Stalingrado e ao Cáucaso foram simultâneos. As duas campanhas estão estreitamente ligadas. Com a conquista da Crimeia e a tomada de Stalingrado, se protegeriam as tropas que se dirigiam a Baku pelas montanhas caucasianas.

Na Crimeia, se defrontaram os dois aspectos que marcaram os dois primeiros anos da guerra: o indescritível patriotismo de Sebastopol e a incompetente defesa da Península de Kerch. Mas, de uma maneira ou de outra, a linha de frente se manteve. Os militares soviéticos estavam aprendendo a lidar com os alemães a duras penas. Os alemães, conscientes da incapacidade de vencer a guerra, tinham que buscar combustível para sustentar o esforço de guerra e buscar um "empate", para negociar a paz em condições de poder, que possuíam e ainda era formidável.

A campanha de Stalingrado é amplamente conhecida, tanto pelo seu heroísmo como pela magistral demonstração da capacidade tática do general Georgi Zhukov. A cidade resistiu a um ataque brutal: o pior bombardeio aéreo até então sofrido por uma cidade. No primeiro dia, quase a metade da cidade foi riscada do mapa, com 40 mil pessoas mortas. Mas Stalingrado permaneceu firme. Combateu e combateu sem descanso. As tropas alemãs chegaram ao Volga e foram rechaçadas. Elas voltaram ao rio, dividiram o Exército Vermelho em dois, mas não conseguiram subjugar-lo. Até que, em meados de outubro, o Exército alemão parou, não podia mais. Então, começou a ofensiva soviética, pelo norte e pelo sul do que restava da cidade, e isto não é mera retórica, a cidade fora arrasada mas não desistiu. Nessa ofensiva, um exército italiano, um romeno e o Sexto Exército alemão, comandado pelo general Friedrich Paulus, foram cercados.

Erich von Manstein, comandante do recém-criado Grupo de Exércitos Don, tentou romper o cerco, mas foi detido e teve que retirar-se, agora, sim, de forma ordenada - em direção ao Mar Negro. A ofensiva de Zhukov não se deteve e fez com que os alemães perdessem Rostov e Kharkhov. O exército que ocupava o Cáucaso se dirigiu apressadamente para o norte, pois o risco de ficar preso era iminente.

Com a vitória de Stalingrado, Baku foi salva. Os soviéticos, agora, tinham o comando das ações. A perspectiva de uma paz negociada desapareceu e a Alemanha corria o risco de, mesmo com todas as suas forças, ser derrotada no início de 1943. Von Manstein tinha, agora, que usar todas as suas habilidades criativas para conter o avanço soviético, pois a derrota fora esmagadora e havia o risco de que todas as tropas que fugiam do Cáucaso, as que se retiravam das vizinhanças imediatas de Stalingrado e as que estavam ao redor da Crimeia, fossem avassaladas (sic). A Alemanha ainda contava com um considerável poderio, mas havia perdido a iniciativa e não tinha mais energia. A indústria soviética agora estava funcionando plenamente; a ajuda dos Aliados ocidentais estava chegando; os comandantes soviéticos se mostravam competentes; e o moral das tropas soviéticas era incomparável. Uma coisa foi o inverno doloroso de 1941-42, outra, o inverno de 1942-43.

A perda de meio milhão de homens e da zona rica em matérias-primas do Leste da Ucrânia seria um golpe do qual a Alemanha não se recuperaria. Isso era o que estava em jogo.

Von Manstein e a retirada estratégica

Foi daí que surgiu a ideia de retirada estratégica ou defesa móvel. A guerra está perdida, von Manstein o sabe. Então, o que deve ser alcançado é uma vitória que faça parecer aos soviéticos que eles não poderiam derrotar a Alemanha. Sob tais condições, busque-se uma paz que preserve a Alemanha nazista. Mas ele não pode fazer frente a Zhukov, o impulso do Exército soviético é enorme. Então, decide recuar, contra as ordens de Hitler.

A enormidade do território soviético joga contra os dois lados. Ao retirar-se, von Manstein se aproxima da sua retaguarda e de suas reservas de gasolina, alimentos, munição e homens. Zhukov, continuando a ofensiva, se afasta das suas bases de suprimentos, que já estão a centenas de quilômetros de distância. O impulso do Exército soviético foi tão sólido que esmagou toda a resistência alemã, mas se afastou bastante dos seus

centros de abastecimento. Agora, ele se deparava com o dilema de continuar o ataque - algo a que Stalin o instigava - ou deter-se, embora isto significasse que os alemães poderiam organizar as suas forças para a defesa. Recorde-se de que são cerca de meio milhão de alemães envolvidos na fuga para o Mar Negro.

Zhukov decidiu continuar seu ataque e as tropas de von Manstein continuaram a sua retirada, para não ficarem na posição de uma bigorna que recebe golpes de um martelo, dirigindo-se ao norte, enquanto tropas alemãs vindas do sul se preparavam para atacar o flanco das forças de Zhukov. Esta foi a primeira e única derrota de Zhukov e a última derrota soviética, ou a última vitória alemã, se se preferir. Von Manstein obteve uma vitória estratégica dentro da derrota, em meio à retirada. Era possível, dado o poderio alemão, buscar uma paz honrosa, embora os Aliados já tivessem decidido que a única paz possível era a rendição incondicional e diante de todos os Aliados. Stálin tinha uma preocupação paranóica com a possibilidade de a Alemanha de Hitler buscar uma paz em separado com os Aliados ocidentais. Também se mencionava que os alemães procurariam render-se aos Aliados ocidentais, para fazerem uma cruzada contra a União Soviética. Nada disso aconteceu. Não naquele momento. Agora, estamos em um momento diferente.

Em Nüremberg, von Manstein foi julgado e condenado a 18 anos de prisão, embora a pena tenha sido reduzida posteriormente. Tendo cumprido apenas quatro anos, ele foi libertado. A Europa se via ameaçada pela União Soviética, que, em qualquer momento, poderia despejar uma avalanche dos tanques mais modernos contra uma Europa indefesa. A única pessoa capaz de liderar a defesa daquela já quase vítima dos inenarráveis interesses e apetites soviéticos era, precisamente, o marechal Erich von Manstein. A estratégia que se tornaria a Operação Gládio tinha a intenção de conter os soviéticos e impedir a ocupação comunista da Europa. E por que von Manstein? Simplesmente, porque ele criou o conceito de retirada estratégica, a retirada vitoriosa dentro da derrota, não para derrotar o oponente, algo impossível, mas para obter condições razoáveis de retirada ou, mesmo, de derrota. A Europa estava estrategicamente em desvantagem, de acordo com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e, dentro dela, tinha que agir para impor condições à União Soviética.

Em suma, toda essa histeria levou à era do terrorismo cego e do assassinato de personalidades políticas, nas décadas de 1970 e 1980. Ela liderou a OTAN na criação de organizações clandestinas, nas quais criminosos comuns se misturavam com terroristas e "combatentes da liberdade" preparados para lutar, supostamente, contra o terror comunista. Eles dispunham de arsenais ocultados fora das vistas do público, para enfrentar a invasão comunista como guerrilheiros. Foi uma época em que, quando se enfrentavam dois bandos, ambos recebiam armas, dinheiro e apoio da mesma fonte. A invasão comunista, que não havia ocorrido em 1960, nem em 1970, como diziam as seitas, tinha agora que coincidir com o ano de 1988, quando se cumpriam 1.000 anos da Terceira Roma, Moscou. Como nos anos anteriores, também não aconteceu.

O que aconteceu, entre 1989 e 1992, foi a queda do Muro de Berlim, o colapso da URSS e o desaparecimento do Pacto de Varsóvia. A ameaça comunista havia se desvanecido. Não havia mais um inimigo à frente. Era o momento de se estabelecer uma paz duradoura em todo o mundo. O Ocidente, ou melhor, os Estados Unidos, prometeu que a OTAN não se aproximaria das fronteiras russas. Claro, foram palavras, porque nada se converteu em tratados ou acordos.

O Ocidente se proclamou o vencedor da Guerra Fria, o policial do mundo. Os seus porta-vozes proclamaram o "fim da História". Ronald Reagan e Margaret Thatcher (quero meu dinheiro!) abriram o caminho para a globalização, talvez, a forma mais corrupta de

declínio e, pouco a pouco, 10% da população tornou-se dona de riqueza equivalente à de metade dela; alguns anos depois, a proporção caiu para 1% e, agora, para 0,01% da população detendo mais riqueza que mais da metade inferior. O mundo tinha um dono exclusivo e tinha que aceitar a democratização ocidental e a globalização. A arrogância do Ocidente, a sua forma de declínio, era imparável. Poderia esmagar quem quisesse sem pedir a permissão de ninguém e, se não acreditarem, perguntem à Servia, Líbia e Iraque. Só haviam deixado algumas pontas soltas. A China, que se encaixava perfeitamente no esquema da globalização e o usava para atender aos seus interesses, e a Rússia, que estava tão enfraquecida que não merecia a menor atenção.

Além disso, no novo século, chegou ao poder um homem que fazia parte do círculo de Boris Yeltsin, Vladimir Putin, nada com que se preocupar. Putin, das novas armas avançadas, que deixaram para trás as democratas ocidentais, mas também pelas declarações do presidente da França, Emmanuel Macron, sobre a "morte cerebral" da OTAN.

2020 - declínio do Ocidente

Agora, estamos em 2020. O declínio do Ocidente é irremediável. Já é um fato que o mundo é multipolar, ou seja, a antiga ordem de um único centro mundial desapareceu. O poderio militar insuperável e invencível do Ocidente foi quebrado, e não apenas pelo anúncio do presidente

Se diz que a China pode ser grande potência mundial em 2050 - falsidade das falsidades, porque a China já é a primeira potência econômica do mundo. O poder econômico estadunidense já é de terceira classe. E isto não é uma afirmação ideológica: durante todo o tempo em que a China crescia a taxas de 8-9 % ao ano, os Estados Unidos e a Europa não faziam investimentos em infraestrutura. A China, por outro lado, já possui as melhores ferrovias do mundo, uma rede elétrica que está se estendendo por todo o seu vasto território, está construindo usinas nucleares. Agora, com a epidemia do coronavírus, foi surpreendente a velocidade com que a China pode constr um novo hospital, graças ao uso das mais recentes técnicas, como a impressão 3D. O presidente Donald Trump quer tornar os EUA grandes novamente. Em primeiro lugar, isto significa que seu país não é mais grande como antes, e quando vemos na imprensa que a sua principal preocupação é a venda de grãos para a China, só percebemos declínio. Uma potência, como é a China, está se empenhando para instalar a tecnologia 5G em todo o mundo e está na disputa pela primazia mundial em teligência artificial (IA).

A Rússia, por outro lado, também está progredindo a um ritmo surpreendente, embora não tanto quanto a China. Já é a quinta economia do mundo. Naturalmente, dada a possibilidade de que a Rússia volte a ser incluída no G-7, retomando o G-8, o presidente russo prefere o formato G-20, onde estão a China e a Índia. O mundo já é diferente, não está mudando: já mudou. A Rússia é agora a referência em diplomacia internacional.

Neste exato momento, há um aumento das tensões no Oriente Médio. Mas, recordemos: elas não se parecem com as ocorridas quando o governo da Síria recapturou Aleppo? A Síria está cercando os grupos terroristas que se refugiam em Idlib e a Turquia rasga as suas roupas pela morte dos seus soldados - que estavam entre os terroristas e foram atingidos pelo fogo sírio. Com quem é a reunião do presidente Recep Erdogan para diminuir a tensão? Bem, com Putin. A quem ligaram Macron e a chanceler alemã Angela Merkel? Se não me falha a memória, Putin.

Igualmente, nesses últimos dias, a diplomacia estadunidense fez uma modificação radical em suas declarações: agora, todas as medidas que tomarem seguirão o Direito Internacional. Esta era, até então, a posição invariável da diplomacia e da política russas. Porém, a diferença é que, para os Estados Unidos "a lei sou eu" e, exceto pelas declarações de que agora se regem pelo Direito Internacional, o seu comportamento permanece o mesmo que no passado, a lei dos Estados Unidos se aplica em todo o mundo, em função do seu poderio militar e do poder do dólar.

Antes da chegada de Trump ao poder, a discussão entre os círculos políticos estadunidenses era como recuperar o poder protagonista do país na esfera internacional, uma vez que a Rússia e a China os haviam deslocado. Tudo apontava e, creio, continua apontando, que a sua esfera de influência deve ser a América Latina. No entanto, o fato é que desde 2010 os Estados Unidos estão cientes de que perderam a sua influência. Recordo-me de ler, naquela época, que o presidente Barack Obama gostava de rap, que sabia quem era o rapper Fulano de Tal. (Recorde-se que, naquela época, o presidente mexicano Vicente Fox declarou, cheio de orgulho, que havia mandado fazer algumas botas de couro em Madri. Quando o presidente José Lopez Portillo visitou a Espanha, em 1977, ele encabeçou a sua comitiva e surpreendeu os especialistas espanhóis em arte com os seus conhecimentos, em uma visita ao Museu do Prado. A isto me refiro quando falo em decadência.)

O último exemplo do fracasso do Ocidente é a recente Conferência de Segurança de Munique. Para mim, com toda franqueza, parecia estar assistindo a um discurso de Josef Goebbels, quando o secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, afirmou que o Ocidente "está vencendo" e todos os exemplos dados por ele se referiam à derrota dos EUA e da OTAN no campo militar. Os refugiados, produto das guerras perdidas no Oriente Médio e na Líbia, estão efetivamente indo para a Europa, não para Cuba ou a Venezuela, porque estão longe da Europa. Quem procura refúgio nos Estados Unidos, onde são rechaçados, são latino-americanos, o que, obviamente, ele não mencionou. É verdade que também houve questionamentos europeus sobre o relacionamento entre a Europa e a Rússia. Importantes, evidentemente, mas ainda tíbios.

O problema, tanto na Europa como nos Estados Unidos, é a falta de investimentos, já não apenas em seus territórios, mas em territórios vizinhos. A Europa e os Estados Unidos poderiam ser grandes, e realmente grandes, se ajudassem a transformar e industrializar a América Latina e a África. No entanto, preferem enriquecer o seu seleto grupo de bilionários, em vez de incentivar o progresso. Esta é a decadência.

Nos últimos dias, comentou-se, entre outras coisas, que os Estados Unidos devem aceitar que o mundo mudou e negociar a distribuição de esferas de influência com a China e a Rússia. Tampouco, isto não é uma ideia que se oponha à decadência.

O último ponto: o problema moral dos Estados Unidos e da Europa. A base das sociedades russa e chinesa é a família. Basta observar o debate sobre as modificações propostas por Putin para a Constituição Russa. Este conceito desapareceu quase completamente na sociedade europeia e, nos Estados Unidos, há uma polarização: digamos que metade da população - e nesta metade está Trump - ainda tenha a família como base da sociedade; a outra metade, simplesmente, não tem uma base. O principal perigo de ter uma sociedade sem base é para a segurança nacional. O megaespeculador George Soros sabe que todas as campanhas que patrocina com sua rede de ONGs da "Sociedade Aberta", sejam feministas, pró-aborto, homossexuais ou de legalização das drogas, não têm nada a ver com seres humanos, pelos quais não tem interesse (na verdade, não é apenas ele, mas todo o mecanismo financeiro de Wall Street, FMI, Banco Mundial etc.).

Quando se move uma peça de xadrez, não se acha que ela seja amiga; se tenho que sacrificá-la, faço-o e pronto!

Como dizia o grande industrial italiano Enrico Mattei: se tomo um táxi, não tenho que pagar pelo serviço? Deve haver uma sociedade dividida, confrontada e em choque permanente. Esta é uma maneira segura de impedir que a sociedade pense e se concentre em seus problemas reais. Pessoas decadentes induzem mais deterioração desta maneira. A menos que eu esteja enganado, isto diz respeito à segurança nacional. Nessa sociedade confrontada e dividida, o secessionismo é mais provável (em países como o México, é uma ameaça latente, podendo-se perceber o germe desse secessionismo na acirrada oposição ao projeto do Trem Maia), do qual emergem nações ainda mais fracas.

Parece-me que o Ocidente está adotando uma defesa móvel, no estilo de von Manstein.

Ele já percebeu o seu declínio e está tentando adaptar-se a ele com medidas defensivas, que mostram que ainda tem forças para obter uma "paz negociada". Aí, precisamente, se mostra o seu declínio, pois com essa maneira decadente de se ver o mundo é impossível entender que o mundo já é outro e que este novo mundo oferece enormes oportunidades de cooperação em questões de comércio, economia, segurança e progresso.

Ou será como o Ricardo III de Shakespeare: estou tão metido em um mar de sangue, que seguir em frente ou recuar não importa.

X-X

Acesse o novo texto do Cel Vogt:

"PATRIOTISMO" – pelo www.escritorcfvogt.blogspot.com.br

X-X

O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete.

Aristóteles

X-X

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nec.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.